

“OCUPA E RESISTE”- A ORGANIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS A PARTIR DA CULTURA DA MÍDIA

¹Tháisa Elis de Souza

RESUMO

Este artigo visa analisar os estudos da Escola de Frankfurt tendo como premissa a Indústria Cultural na visão de Theodor Adorno e também fazer uma análise contemporânea dos escritos do filósofo Douglas Kellner sobre a Cultura da Mídia. Neste viés, espera-se fazer uma relação desses estudos com a participação política da juventude nos Movimentos Estudantis a partir da ocupação das escolas e sua organização utilizando as Mídias Sociais como o *Facebook*.

PALAVRAS- CHAVE: Escola de Frankfurt, Indústria Cultural, Cultura de Mídia

Introdução

Em 2013 o manifesto “#vemprarua” mobilizou milhares de pessoas que se organizaram através das redes sociais e se mobilizaram para ir às ruas em diversas localidades do país com a finalidade de lutarem contra a corrupção e exigirem melhorias nos serviços públicos como saúde, educação e transporte público. Em 2015, um outro movimento passou a ser organizado a partir das redes sociais, desta vez, envolvendo estudantes que resolveram se manifestar por seus direitos com relação à escola pública, gratuita, laica e de qualidade. As ocupações das escolas se tornaram uma realidade e o movimento ganhou força em diversos Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Goiás e Mato Grosso.

No Estado de Mato Grosso, 26 escolas públicas foram ocupadas por estudantes que fazem parte do Movimento Estudantil Primavera Secundarista e as ocupações se deram a partir do início do ano 2016 tendo em pauta a não privatização da gestão escolar nas escolas públicas. Em Rondonópolis, a Escola Estadual Ramiro Bernardo da Silva foi a única ocupada por estudantes do Movimento Secundarista.

Durante uma conversa com os estudantes secundaristas é notável observar que estão lutando por uma escola e educação que façam sentido em suas respectivas vidas. Cansados de apenas receberem conteúdos e de verem a instituição escolar perdendo seu valor e inspirados nas ocupações dos demais estados, os estudantes resolveram se

¹ Tháisa Elis de Souza é jornalista, mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso- Câmpus Universitário de Rondonópolis, thaisajornalista@yahoo.com.br. Agência Financiadora- CAPES

organizar através das redes sociais como *Facebook* para ocupar a escola e reivindicar que seus direitos sejam respeitados.

A organização do Movimento Primavera Secundarista a partir do *Facebook* é uma apropriação da teoria da Cultura de Massa proposta pela Escola de Frankfurt e o surgimento da Teoria Crítica. A partir do movimento político da juventude com a ocupação das escolas, faremos uma análise sobre a Escola de Frankfurt, Indústria Cultural e Cultura de Mídia. Entre as bibliografias analisadas, estão: *Adorno* *Coleção Pensadores* e *Cultura de Mídia* do filósofo contemporâneo Douglas Kellner.

1. ESCOLA DE FRANKFURT: O INÍCIO DA TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE

A Escola de Frankfurt foi fundada em 1924 junto ao Instituto de Pesquisas Sociais, e ganhou este nome por estar sediada na cidade de Frankfurt na Alemanha. A escola surgiu a partir de um movimento de intelectuais, no fim da I Guerra Mundial, a qual a Alemanha saiu derrotada e ainda tentava se reerguer social, política e economicamente. A proposta dos frankfurtianos (como ficaram conhecidos os estudiosos desta escola) era a de avançar nos estudos, pesquisas e propagação da teoria marxista e suas categorias ideológicas.

Os principais pensadores desta escola foram: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas e juntos constituíram o que passou a ser conhecido como Teoria Crítica. O objetivo desta filosofia foi o de libertar o indivíduo do jugo da repressão e da ignorância, conservando em sua essência até os dias atuais, o ideal iluminista de libertação através da razão.

Em 1933, Adolf Hitler foi eleito como chanceler do Terceiro Reich (nome dado à Alemanha Nazista no período de 1933 a 1945) e a Escola de Frankfurt por produzir pensamentos contrários ao do partido nazista, deixou Frankfurt e se instalou na Suíça. Seus teóricos e pensadores também se refugiaram em outras localidades como Genebra, Paris e Nova York, e mesmo em meio às mudanças, preservaram o nome de Escola de Frankfurt, retomando os trabalhos na cidade de origem em 1950, após a II Guerra Mundial.

Após a II Guerra Mundial, os estudiosos frankfurtianos observaram que as propagandas veiculadas nas mídias propunham a ideologia do partido nazista, ligada ao fascismo e à xenofobia.

O filósofo contemporâneo Douglas Kellner caracteriza a Escola de Frankfurt como a escola que combinou estudos críticos sobre comunicação, política e economia, dando início a uma reflexão sobre a influência da mídia na sociedade.

A Escola de Frankfurt inaugurou o estudo crítico da comunicação nos anos 1930 e combinou economia política dos meios de comunicação, análise cultural dos textos e estudos de recepção pelo público dos efeitos sociais e ideológicos da cultura e das comunicações de massa. Seus proponentes cunharam a expressão “indústria cultural” para indicar o processo de industrialização da cultura produzida para a massa e os imperativos comerciais que impeliam o sistema. (Kellner, 2001 p.44).

Mesmo reconhecendo que a Escola de Frankfurt contribuiu para os estudos sobre a comunicação e processo de industrialização da cultura, Kellner também faz uma crítica às teorias frankfurtianas, defendendo que há uma dicotomia entre uma cultura considerada superior e outra considerada inferior.

A dicotomia da Escola de Frankfurt entre cultura superior e inferior é problemática e deve ser substituída por um modelo que tome a cultura como um espectro e aplique semelhantes métodos críticos a todas as produções culturais que vão desde a ópera até a música popular, desde a literatura modernista até as novelas. Em particular, é extremamente problemático o modelo de cultura de massa monolítica da Escola de Frankfurt, em contraste com um ideal de “arte autêntica”, modelo este que limita os momentos críticos, subversivos e emancipatórios a certas produções privilegiadas da cultura superior. A posição da Escola de Frankfurt, de que toda cultura de massa é ideológica e aviltada, tendo como efeito engodar uma massa passiva de consumidores, é também questionável. (Kellner, 2001, p.45).

Kellner analisa que a Escola de Frankfurt deu início aos estudos sobre a Teoria Crítica da Sociedade fazendo uma integração sobre a comunicação e a sociedade capitalista, e a forma como a cultura se dava neste contexto, tornando-se assim uma teoria importante na contemporaneidade. Porém, o legado de seus estudos foi muito forte entre a década de 1930 a 1950, não havendo maiores produções após este tempo.

2. INDÚSTRIA CULTURAL E A ALIENAÇÃO DAS MASSAS

Os frankfurtianos tinham a característica de analisar os produtos das indústrias culturais dentro da sociedade capitalista, foram os primeiros a criticar as comunicações que alcançavam muitas pessoas, também conhecida como massas. Para estes estudiosos, após a Revolução Industrial e o período considerado modernidade, a arte se transformou em uma mercadoria, sendo usada para fins lucrativos e alienantes para a sociedade.

Uma vez que as chamadas cultura e comunicações de massa ocupam posição central entre as atividades de lazer, são importantes agentes de socialização, mediadoras da realidade política e devem, por isso, ser vistas como importantes instituições das sociedades contemporâneas, com vários efeitos econômicos, políticos, culturais e sociais. (Kellner, 2001, p. 44)

De acordo com a teoria frankfurtiana, a mídia através da televisão, rádio, cinema, jornais e revistas exerce forte influência na vida das pessoas, incentivando-as a trabalhar exaustivamente para consumir a mercadoria e os produtos propostos por esta comunicação de massa, sem que haja uma reflexão e autocrítica sobre este consumo desenfreado.

As análises da influência da mídia sobre as massas, vieram dos estudos de Adorno e Horkheimer denominado de *Cultura de Massa*, sendo substituído em seguida, pelo termo *Indústria Cultural*, pois entendeu-se que a Cultura de Massa era o que é produzido pelas pessoas apenas como lazer, sem interesses capitalistas, já Indústria Cultural segundo Adorno é “ a exploração de bens considerados culturais”.

Interessada nos homens apenas enquanto consumidores ou empregados, a indústria cultural reduz a humanidade, em seu conjunto, assim como cada um de seus elementos, às condições que representam seus interesses. A indústria cultural traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja, o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo o sistema. (Adorno, 1996, p.07)

Ainda de acordo com as colocações de Adorno, a “indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente”. Este posicionamento de Adorno é considerado desde que a mídia passou a ocupar um espaço de entretenimento e lazer na vida da sociedade capitalista.

Tal sociedade é considerada alienada porque é incentivada a trabalhar para adquirir riqueza e nos momentos vagos, esta classe adquire os produtos elaborados pela indústria cultural como filmes, novelas, revistas, músicas, entre outros, tornando-se assim receptores de uma mercadoria elaborada pela classe dominante, impedindo a autonomia e reflexão crítica de cada indivíduo.

Ao invés de entreter, parece que tal música contribui ainda mais para o emudecimento dos homens, para a morte da linguagem como expressão, para a incapacidade de comunicação. A música de entretenimento preenche os vazios do silêncio que se instalam entre as pessoas deformadas pelo medo, pelo cansaço e pela docilidade de escravos sem exigências. Assume ela em toda parte, e sem que se perceba, o trágico papel que lhe competia ao tempo e na situação específica do cinema mudo. (Adorno, 1996, p.67)

Para Adorno (1996), a arte foi industrializada levando às massas a sensação de falsa felicidade e prazer, sendo tudo o que é levado através da mídia uma situação de aparência e ilusão, levadas principalmente por meio da música, do esporte e de propagandas. E o que era considerado gosto artístico assumiu um significado curioso e até mesmo cômico na vida da sociedade.

3. CULTURA DE MÍDIA E A OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS

Como foi abordado no início deste texto, a organização para a ocupação das escolas através do Movimento Estudantil Secundarista aconteceu por meio do *Facebook*, um tipo de mídia contemporânea que tem crescido cada vez mais.

Dentro desta mídia, é fato que acontece a alienação devido os recursos tecnológicos oferecidos por ela, tais como recursos áudio visuais através de vídeos e fotos, textos, charges, quadrinho entre tantos outros. Mas além da alienação, o *Facebook* também tem sido usado para organizar movimentos e manifestos políticos por diversos motivos que envolvem diferentes grupos sociais.

No livro “*A cultura da Mídia*”, Douglas Kellner explica que esta cultura também é “*high-tech e explora a tecnologia mais avançada*”.

É um setor vibrante da economia, um dos mais lucrativos, e está atingindo dimensões globais. Por isso, é um modo de tecnocultura que mescla cultura e tecnologia em novas formas e configurações, produzindo

novos tipos de sociedade em que mídia e tecnologia se tornam princípios organizadores. (Kellner,2001, p. 10).

Grupos considerados dominados estão usando os recursos do *Facebook* para se organizarem e lutarem contra o grupo dominador, como no caso dos estudantes secundaristas. Cansados da opressão e de terem seus direitos violados, jovens das escolas pública têm utilizado esta nova mídia para conquistarem seu respectivo espaço na sociedade. Como esclarece Kellner, eles estão aprendendo a usar a mídia em favor da libertação da alienação.

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar- e o que não. (Kellner,2001, p.10)

O filósofo também defende que é necessário saber fazer uma leitura crítica da mídia contemporânea para evitar a alienação defendida pelos frankfurtianos na Indústria Cultural. Segundo Kellner, os indivíduos têm a possibilidade de terem autonomia através das novas mídias.

Aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominante. Poderão aumentar sua autonomia diante da cultura da mídia e adquirir mais poder sobre o meio cultural, bem como os necessários conhecimentos para produzir novas formas de cultura. (Kellner,2001, p.10)

O *Facebook* é uma mídia que permite aos seus usuários se expressarem sobre o que pensam, o que fazem, onde vão, o que defendem, entre outros fatores, sendo usado principalmente por jovens. Kellner entende que a “cultura da mídia indica os modos como ela pode ser entendida, usada e apreciada”, além de moldar a vida diária.

Examinamos alguns dos modos de inserção entre ela (mídia cultural) e as lutas políticas e sociais, além da maneira como ela molda a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se veem e veem os outros e como constroem sua própria identidade. [...]. Esses estudos explorarão algumas das maneiras como a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta. (Kellner,2001, p.10)

Os estudantes secundaristas se apropriaram desta nova cultura de mídia para reivindicarem seus direitos e mostrarem até mesmo formas de resistência contra um sistema opressor e a favor de uma escola democrática, e que possam ter voz e vez, que sejam ouvidos, respeitados como cidadãos na sociedade.

No início do mês de julho, a ocupação da Escola Estadual Ramiro Bernardo da Silva em Rondonópolis completou um mês e alguns estudantes foram entrevistados pela grande mídia. Nos discursos, os estudantes explicaram o que fizeram nesse tempo de ocupação, quais as atividades realizadas dentro da escola e os reais motivos da ocupação.

Em entrevista à jornalista Julianne Caju, uma das estudantes do Movimento Secundarista, explicou que a ocupação aconteceu e foi organizada pela mídia do *Facebook* porque os estudantes acreditam que é possível lutar por melhorias no ensino público. “Ocupamos e estamos resistindo. Não é fácil, mas continuamos aqui por uma escola gratuita e com qualidade”, explicou uma das estudantes à jornalista.

A fala da estudante, está entrelaçada ao que Kellner chama de resistência à classe dominante.

O público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. (Kellner, 2001, p.11)

A ocupação das escolas tem revelado a participação política de uma juventude que está cansada e insatisfeita com a falta de democracia, com a corrupção e com a falta de oportunidades de serem considerados sujeitos pensantes, críticos e reflexivos e estão se apropriando da Cultura de Mídia para serem inseridos numa sociedade ainda alienada.

4. CONSIDERAÇÕES

Este breve ensaio teve como temática a importância dos estudos frankfurtianos sobre comunicação e cultura, além da Teoria Crítica para a sociedade, foi exposto de

forma sucinta o surgimento da Escola de Frankfurt e seus principais autores, assim como sua ideologia.

Dentro desta ideologia, revisitamos a teoria da Indústria Cultural proposta por Theodor Adorno, o qual defende que arte se tornou mercadoria para influenciar de forma alienante boa parte da sociedade, como ele define, *as massas*.

Em seguida, analisamos um contraponto entre a visão de Adorno sobre a *Indústria Cultural* e a dominação de certos grupos midiáticos que sem dúvidas, causam a alienação dos indivíduos. Em seguida, analisamos a teoria do filósofo americano Douglas Kellner sobre a *Cultura de Mídia*, observando que esta pode ser utilizada na contemporaneidade como forma de resistência e luta por parte da classe dominada, que a partir do momento que se une em atos críticos e reflexivos, passam a fazer uso das mídias como forma de fugir da alienação, como tem acontecido na ocupação das escolas por meio dos Movimentos Estudantis.

Em síntese, podemos constatar que atualmente fazemos parte de um contexto cultural em que a grande mídia tem feito “ seus bonecos de manobra” através da forte influência que exerce na vida das pessoas seja por meio do Cinema, Televisão, Rádio, Jornal, Música, Revistas, entre outros. E ao mesmo tempo, constatamos que a juventude não tem aceitado tudo o que é proposto pela mídia e a tem usado para se engajar em movimentos e lutas sociais.

Vale ressaltar que os estudos frankfurtianos sobre o ideal iluminista de libertação e autonomia através da razão ainda é válido em nossos dias, quando os sujeitos estão mais críticos e reflexivos. E que a Cultura de Mídia também tem contribuído para isto.

5. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Textos escolhidos: Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultura LTDA, edição 1996.

KELLNER, Douglas. Trad. Ivone Castilho Benedetti. **A cultura da mídia. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC,2001.

